

## A gramática do ensaio biográfico fronteiriço

### *La gramática del ensayo biográfico fronterizo*

Francine Carla de Salles Cunha Rojas<sup>1</sup>

Edgar César Nolasco<sup>2</sup>

#### Resumo

O presente projeto visa discutir conceitualmente o ensaio biográfico fronteiriço na esteira da teorização descolonial e da crítica biográfica fronteiriça. Nesse sentido, a discussão centra-se nas experiências atravessadas pela modernidade / colonialidade que emergem dos e respondem aos legados coloniais (Mignolo, 2003) e nas feridas coloniais ainda abertas (ANZALDÚA, 1987) que surgem como consequência dessa experiência. Desse modo, o desenvolvimento da pesquisa principia pela discussão dos conceitos de bios, ferida aberta, paradigma outro e epistemologia fronteiriça, uma vez que auxiliam a traduzir teoricamente a experiência do ser / estar na / sentir a exterioridade criada pela modernidade / colonialidade. A fim de alcançar tal objetivo, soma-se à experiência da colonialidade em um lócus específico, Brasil, o contexto histórico-político-cultural que atravessa o projeto. A metodologia utilizada é fronteiriça, visto que a escolha de bibliografia pertinente é respaldada pela vivência do corpo que pesquisa. Dado que a bibliografia consultada será composta de livros, capítulos e artigos atravessados pela teorização descolonial, alguns dos autores consultados serão Boaventura de Sousa Santos (2019), Glória Anzaldúa (1987, 2000), Edgar César Nolasco (2018) e Walter Mignolo (2003, 2009, 2017a, 2017b, 2020).

Palavras-chave: Ensaio biográfico; Epistemologia fronteiriça; Ferida colonial; Nós histórico-estruturais; Paradigma outro.

#### Resumen

Este texto tiene como objetivo discutir conceptualmente el ensayo biográfico de frontera a raíz de la teorización descolonial y la crítica biográfica de frontera. En este sentido, la discusión se centra en las experiencias atravesadas por la modernidad / colonialidad que surgen y responden a los legados coloniales (Mignolo, 2003) y en las heridas coloniales aún abiertas (ANZALDÚA, 1987) que surgen como resultado de esta experiencia. De esta manera, el desarrollo de la investigación comienza discutiendo los conceptos de bios, herida abierta, otro paradigma y epistemología fronteriza, ya que ayudan a traducir teóricamente la experiencia de ser / estar en / sentir la exterioridad creada por la modernidad / colonialidad. Para lograr este objetivo, la experiencia de la colonialidad en un lugar específico, Brasil, se suma al contexto histórico-político-cultural que atraviesa el proyecto. La metodología utilizada es dudosa, ya que la elección de la bibliografía relevante se apoya en la experiencia del organismo que investiga. Dado que la bibliografía consultada estará formada por libros, capítulos y artículos atravesados por la teorización descolonial, algunos de los autores consultados serán Boaventura de Sousa Santos (2019), Glória Anzaldúa (1987, 2000), Edgar César Nolasco (2018) y Walter Mignolo (2003, 2009). , 2017a, 2017b, 2020).

Palabras clave: Ensayo biográfico; Epistemología fronteriza; Herida colonial; Nodos histórico-estructurales; paradigma otro.

---

<sup>1</sup> Mestre e doutoranda em Estudos de Linguagens; NECC - PPGEI / UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul e Brasil; [lucia\\_jbc@hotmail.com](mailto:lucia_jbc@hotmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Literatura Comparada; NECC - PPGEI / UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul e Brasil; [ecnolasco@uol.com.br](mailto:ecnolasco@uol.com.br).

## 1. Introdução

[...] a teoria está onde se pode encontrá-la. Não existe local geográfico ou epistemológico que detenha os direitos de propriedade sobre práticas teóricas, mas apenas o “local filosófico” (MIGNOLO, 2003, p. 158).

Este texto objetiva discutir conceitualmente o ensaio biográfico fronteiriço a partir da teorização descolonial e da crítica biográfica fronteiriça, através, majoritariamente, de conceitos pensados por intelectuais latinos, tanto aqueles que ensinam e pensam no exterior quanto aqueles que vivem nos países que compõem a região geográfica. Para tanto, a delimitação volta-se para os textos e conceitos nos quais o processo de teorização emerge das experiências do ser / estar / sentir a exterioridade criada pela retórica da modernidade / colonialidade. Nesse sentido, a afirmação de Walter Mignolo, em *Histórias locais / projetos globais* (2003), acerca do pensamento teórico e do lócus filosófico, assinala o potencial teórico do conhecimento e dissolve a concepção de que a prática teórica é propriedade de determinados lugares capacitados para o seu desenvolvimento. A carência de estudos, em nível de pós-graduação, acerca do ensaio biográfico fronteiriço justifica a necessidade de se realizar discussões críticas acerca do tema. Soma-se a esse fato a emergência das teorizações descoloniais, que despontam significativamente no contexto em que as atenções se voltam para discutir temas pertinentes às chamadas minorias (étnicas, sexuais, religiosas, epistêmicas, estéticas). No Brasil, faz-se relevante a discussão por um terceiro motivo, pois se percebe a ascensão de um contexto autoritário no âmbito político e cultural, fenômeno assinalado por Lilia Moritz Schwarcz em *Sobre o autoritarismo brasileiro* (2019):

Já a emergência dessa nova onda de governos conservadores, que inundaram a política contemporânea, não se limita a retornar ao passado, nem funciona como mera reencarnação dos fascismos e populismos perdidos na história da primeira metade do século XX. O certo é que se trata de fenômeno tão moderno como complexo. Os populismos de agora abusam das novas formas de comunicação virtual com a justificativa de que não precisam de intermediários para se dirigirem ao povo; não têm nenhum escrúpulo em manipular e explorar *fake news* como se fossem verdades comprovadas; vendem para si uma imagem de lisura e correção na gestão do governo, tratando de obliterar seus próprios maus exemplos; acusam os demais de corrupção, não estando eles distantes dessa prática; se autodenominam como “novos” quando estão faz tempo na política e vivem dela; abusam de mensagens moralistas apoiando-se fortemente em conceitos como religião, família e nação. (SCHWARCZ, 2019, p. 228).

O fato explicitado por Lilia Schwarcz contextualiza as circunstâncias a partir das quais se desenvolve esse texto, isso porque, apesar da origem política, é perceptível que tal autoritarismo representa uma ferida colonial (MIGNOLO, 2017) que se manifesta na cultura e na educação também, com especial repercussão nas universidades públicas (através de ações como corte de bolsa, que subsidiam as atividades acadêmicas e de pesquisa, e o fomento de uma guerra cultural cujo inimigo, o outro, é criado para justificar uma série de ações repressivas que visam eliminar o diferente / a oposição). Diante disso, a discussão conceitual em torno do ensaio biográfico fronteiriço assume a consciência de que é necessário e fundamental desenvolver reposta que não seja somente a tradução de uma revolta em particular, mas que firme o compromisso ético-teórico em construir uma resposta epistêmica descolonial ao legado colonial supracitado e aos outros que serão mencionados. Em *O fim do império cognitivo*

(2019), Boaventura de Sousa Santos igualmente ressalta a eclosão de legados coloniais que subsidiam formas de desigualdades e discriminações ao afirmar que:

Vivemos num período no qual as mais repugnantes formas de desigualdade e de discriminação estão se tornando politicamente aceitáveis. As forças sociais e políticas que costumavam desafiar esse estado de coisas em nome de alternativas políticas e sociais estão, aparentemente, perdendo a força e, de um modo geral, parecem estar, em todo caso, na defensiva. (SANTOS, 2019, p. 07, grifo nosso).

Desse modo, objetiva-se responder aos acontecimentos elencados a nível epistêmico, pois como se vê a modernidade / colonialidade se faz presente nos campos epistemológico, cultural, político e educacional. Além disso, é necessário construir, desde já, novas possibilidades no horizonte crítico brasileiro e a possibilidade escolhida a ser desenvolvida é o ensaio biográfico fronteiriço. Tal escolha, somente se torna possível, pois está comprometida em pensar crítica e teoricamente um momento que é descrito por Lilia Schwarcz como

[...] um período de recessão democrática, de cisão social em torno de questões comportamentais, terreno fértil para que velhas feridas históricas sejam mobilizadas por políticos que, de forma oportunista, pretendem ter saudades de um tempo que não volta mais e que, em parte, jamais existiu. (SCHWARCZ, 2019, p. 236, grifo nosso).

As velhas feridas históricas que retornam são pensadas pelo ensaio de modo que o texto reflita o contexto em que é desenvolvido, a fim de desaprender(-se) as lições emanadas pela modernidade / colonialidade. No contexto da discussão, por fim, é necessário ressaltar que o ensaio biográfico fronteiriço diverge do ensaio (biográfico) moderno, visto que o último se caracteriza por contemplar experiências específicas em lócus igualmente específico (por exemplo, os dois representantes do ensaísmo moderno, *Ensaaios*, de Michel Montaigne, e o texto “O ensaio como forma”, do filósofo alemão Theodor Adorno representam modos de teorizar o ensaio que abarcam as experiências de ser europeu e de se pensar em um contexto de hegemonia cultural / epistêmica). Uma segunda e outra característica do ensaio biográfico moderno, tanto a prática no lócus europeu quanto o praticado no Brasil, diz respeito a metaforização da experiência como método tradutório da teoria. Acerca dessa ideia, é válido mencionar que em determinado momento do livro *As raízes e o labirinto da América Latina* (2006), Silviano Santiago comenta sobre a malha escritural (SANTIAGO, 2006) desenvolvida por textos que falam sobre o Brasil e a cultura brasileira, comentário que tem por base a obra *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Hollanda. De acordo com o crítico:

Tanto o discurso sobre o Brasil quanto o(s) texto(s) da cultura brasileira derivam da língua portuguesa metropolitana e nela se inscrevem inicialmente por uma alta taxa metaforizante, por um definitivo domínio dos valores ditos espirituais e / ou religiosos sobre os valores ditos materiais e / ou humanos. (SANTIAGO, 2006, p. 92).

Dessa forma, entende-se que o uso da metáfora no ensaio biográfico moderno consiste em uma forma de abstração da experiência que não contempla experiências outras, ou seja, a metaforização no caso citado não emerge como consequência das feridas dos legados coloniais. Já o ensaio biográfico fronteiriço é atravessado, essencialmente, pela experiência colonial e pelas feridas abertas (ANZALDÚA, 1987) pela modernidade / colonialidade, de modo que, nas palavras de Ailton Krenak: “É importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros” (KRENAK, 2019, p. 07).

### Referências

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SANTIAGO, Silviano. *Raízes e labirintos da América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

SCHWACZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.